

VALTER HUGO MÃE

LIBRETO

PORTO ALEGRE

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

► COMO VIVER JUNTOS

TEMPORADA
2015

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria

Fernando Schüller

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lume Ideias

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com



► VALTER HUGO MÃE

(Angola, 1971)

Escritor português. Agraciado com o Prêmio Literário José Saramago, é autor de *o remorso de baltazar serapião* e *a máquina de fazer espanhóis*.

“Creio que o mundo é um problema. E aquilo que somos e como somos é uma tentativa de solução, porque o mundo é esse desafio colocado a cada um de nós, e o modo como somos é uma tentativa de superação desse desafio. Por isso, somos como sabemos, somos como podemos; mas, dentro da medida do possível, somos a solução.”

► VIDA E OBRA

Nascido em Saurimo, em Angola, Valter Hugo Mãe destaca-se no panorama da literatura portuguesa pelo carisma e o ecletismo. Escritor, editor, artista plástico, apresentador de televisão e cantor, é filho de portugueses, e retornou a Portugal antes dos cinco anos de idade. Passou a infância em Paços de Ferreira e, em 1980, mudou-se para Vila do Conde, onde vive até hoje. Licenciou-se em direito e fez uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Possui livros publicados de poesia e narrativa longa. Em 1999, foi cofundador da Quasi Edições, na qual publicou autores brasileiros como Ferreira Gullar, Manoel de Barros e Caetano Veloso. Em 2006, fundou a editora Objecto Cardíaco.

Em 2007, atingiu o reconhecimento público com a conquista do Prêmio José Saramago com o seu segundo romance, *o remorso de baltazar serapião*. Na solenidade de entrega, o próprio Saramago classificou o livro como um “tsunami literário”.

Seus quatro primeiros romances (*nosso reino*, *o remorso de baltazar serapião*, *a máquina de fazer espanhóis* e *o apocalipse dos trabalhadores*) são conhecidos como a tetralogia das minúsculas. Todos os textos dos livros, incluindo o nome do autor, foram escritos sem letras capitais. O objetivo foi valorizar a natureza oral dos textos e reaproximar a literatura do pensamento.

Lançou *O paraíso são os outros*, publicado pela Cosac Naify em 2014, e escreveu outros livros infantojuvenis, entre eles *O rosto* e *As mais belas coisas do mundo*, ainda inéditos no Brasil.

Além da escrita, se dedica ao desenho, com uma primeira exposição individual inaugurada em 2007, no Porto, e à música, como vocalista do grupo Governo. Escreve as colunas “Autobiografia imaginária”, no *Jornal de Letras*, e “Casa de papel”, no jornal *Público*. Também apresenta, desde 2012, um programa de entrevistas num canal português.

Agraciado com o Prêmio de Poesia Almeida Garret, recebeu, em 2012, o Prêmio Portugal Telecom pelo romance *a máquina de fazer espanhóis*. Recebeu também o Prêmio de Poesia Almeida Garret. Os seus poemas reuniram-se, em Portugal, no volume *Contabilidade*.

Sua mais recente obra, *A desumanização*, se passa nos fiordes islandeses e é narrada por uma menina de 11 anos, que conta sobre a sua vida após a morte da irmã gêmea (confira um trecho no final deste libreto).

Valter Hugo Mãe, em seus trabalhos, se destaca pela variedade dos meios de expressão e de temática, que pode falar dos pequenos detalhes do cotidiano, dos problemas contemporâneos enfrentados por países como Portugal ou das paisagens da Islândia, combinando uma prosa apurada em língua portuguesa e histórias marcadas pela emoção.

“O Brasil influenciou muito Portugal nas últimas décadas. Ajudou a abrir um país antigo. Nós precisamos dessa energia. Li Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Ignácio Loyola Brandão, Drummond. Não sou só o escritor que leu os brasileiros. Para mim foi fundamental o despudor em relação à língua. Em Portugal, somos muito ortodoxos. Não achamos que temos o direito porque não somos ninguém para inventar alguma coisa que Eça (de Queiroz) já não tenha inventado. O português falado pelos outros países é muito mais livre e criativo.”

“Acho que lido com a fragilidade desde sempre. E lido desta forma, me expondo. Porque achei sempre que morreria muito cedo. Achei sempre que eu era um ser humano muito pouco viável. É verdade que, à semelhança da Halla, dessa menina narradora do livro (A desumanização), eu tive um irmão morto. Tenho um irmão que morreu, e morreu antes de eu próprio nascer. Então, nunca tive a sensação, a ilusão de que a vida é eterna, ou de que a vida é muito longa. Sempre achei a vida muito urgente. E sempre achei que perco tempo. Cresci um pouco com esta ideia estranha de ganhar coragem. Mas, ao mesmo tempo, talvez, também uma ideia de valer pouco a pena, porque vai ser tudo muito rápido e vai terminar tudo da mesma maneira. Acho que sempre assumi muito a minha vulnerabilidade, e acho até que toda vulnerabilidade é o modo como podemos honestamente mostrar a maneira mais genuína de ser gente.”

“Atraem-me muito as convicções populares, a oralidade das histórias, o modo como o povo inventa, acrescenta e se alimenta de verdades e fantasias misturadas. O Brasil tem isso também. Essa coisa de boca que já ninguém segura e vai criando quase sozinha uma história toda esdrúxula. Gosto das pessoas bem reais, sem máscaras, livres de um civismo demasiado. Vivo entre campos e mar, e posso encontrar agricultores e pescadores em cada extremidade dos meus braços estendidos. É muito bom assim. Vejo gente que produz, que sobrevive criando na terra e no mar. Falam sem vaidades, apenas o orgulho da sobrevivência. Isso é muito emocionante para mim.”

“A questão estará em saber se a literatura é ainda pertinente no nosso tempo. A mim parece-me que sim. Que a literatura é meditação, é uma proposta de pensar melhor, ir mais adiante e, como tal, interessa proteger. Daí a questão sempre presente de saber como divulgar, como seduzir os não leitores para a magnitude do gesto da leitura.”

“Acho que a arte tem de conter uma utopia. Nem todos os artistas hão de ser assim. Muitos são só gente desencantada, que parece querer magoar o mundo porque foi magoado. Vejo a arte como uma esperança, uma utopia de salvar e redimir tudo, e me interessa muito que aquilo que eu faço possa ter um valor para alguém. Sei que não vou salvar o mundo, mas há qualquer coisa que pode vir de uma contribuição de cada um de nós, e, por isso, sim, acho e quero muito que a arte salve o mundo.”



O PARAÍSO SÃO OS OUTROS

1ª edição – 2014 / Edição no Brasil – Cosac Naify, 2014

Valter Hugo Mãe revisita um dos temas mais antigos da literatura, modernizando-o para dialogar diretamente com o leitor do século XXI, mostrando que o amor está mais vivo do que nunca. Ironia das imagens do Nino – bijuteria sem valor e colorida *versus* fotos de grande estima para as famílias, e em preto e branco.



***O REMORSO DE
BALTAZAR SERAPIÃO***

1ª edição – 2006 / Edição
no Brasil – Editora 34, 2011

Esta obra relata a desastrada existência dos sargos, “nascidos de pai e vaca”, e as desventuras de seu primogênito, baltazar serapião, o narrador da história, tragicamente enamorado por ermesinda, de extrema beleza.



***O FILHO DE MIL
HOMENS***

1ª edição – 2011 / Edição no
Brasil – Cosac Naify, 2012

Com vontade imensa de ser pai, o pescador Crisóstomo, um homem de 40 anos, conhece o órfão Camilo, que um dia aparece em sua traineira. Ao redor dos dois, outros personagens testemunham a invenção e a construção de uma família em 20 capítulos. Valter Hugo Mãe, ao falar de uma aldeia rural e dos sonhos anulados de quem vive nela, atravessa temas como solidão, preconceitos, vontades reprimidas, amor e compaixão.



***A MÁQUINA DE
FAZER ESPANHÓIS***

1ª edição – 2010 / Edição no
Brasil – Cosac Naify, 2011

Este livro narra a história de antónio jorge da silva, um barbeiro que acaba de completar 84 anos, e, depois de perder a mulher, é entregue a um asilo. Sozinho, mas sem sucumbir ao pessimismo, num mundo cuja metafísica parece ter sido subtraída, silva se vê obrigado a investigar novas formas de conduzir sua vida. Ele que viveu sob o peso de Salazar, nos tempos em que as ditaduras regiam tudo, coloca o passado e suas ações em perspectiva, não sem notar que o pessimismo sobre o papel de Portugal no mundo exacerbou-se ainda mais.

TWITTER

@valterhugomae

INSTAGRAM

@valterhugomae

FACEBOOK

<https://www.facebook.com/pages/Valter-Hugo-Mãe-Pag-Oficial>

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Valter_Hugo_Mãe

ENTREVISTAS

“Dilma é general de si mesma”

Entrevista para a revista *IstoÉ*, publicada em junho de 2014

<http://is.gd/VHMae1>

(http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/370173_DILMA+E+GENERAL+DE+SI+MESMA+)

Os fiordes de todos nós

Entrevista para a *Revista da Cultura*, publicada em abril de 2014

<http://is.gd/VHMae2>

(http://www.revistadacultura.com.br/entrevistas/conversa/14-04-01/Os_fiordes_de_todos_n%C3%B3s.aspx)

Revista Continente

Conteúdo e áudio da entrevista de Valter Hugo Mãe à *Revista Continente*, publicados em abril de 2014

<http://is.gd/VHMae3>

(<http://www.revistacontinente.com.br/index.php/component/content/article/48-literatura/8834-ouca-e-leia-a-entrevista-do-escritor-valter-hugo-mae.html>)

O filho de mil homens

Entrevista para a revista *Cult*, publicada em fevereiro de 2012

<http://is.gd/VHMae4>

(<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/valter-hugo-mae-tem-novo-romance/>)

Flip 2011

Entrevista publicada no jornal *O Globo*, publicada em janeiro de 2011

<http://is.gd/VHMae5>

(<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/01/22/entrevista-com-valter-hugo-mae-convidado-da-flip-2011-358043.asp>)

VÍDEOS E LINKS

Livros no Brasil

Página do *site* da editora Cosac Naify com a relação dos livros de Valter Hugo Mãe publicados no Brasil

<http://is.gd/VHMae6>

(<http://editora.cosacnaify.com.br/Autor/1572/Valter-Hugo-M%C3%A3e.aspx>)

O paraíso são os outros

Reportagem sobre o lançamento de *O paraíso são os outros*, feita pelo Livrogram em novembro de 2014

<http://is.gd/VHMae7>

([https://www.youtube.com/watch?v=y4YB9dp3\\$yw](https://www.youtube.com/watch?v=y4YB9dp3$yw))

Roda Viva

Participação de Valter Hugo Mãe no programa *Roda Viva* da TV Cultura, em janeiro de 2014

<http://is.gd/VHMae8>

(<https://www.youtube.com/watch?v=AmS4QI1Dv8E>)

Prêmio Portugal Telecom de Literatura

Vídeo publicado pela Cosac Naify, com Selma Caetano, curadora do Prêmio Portugal Telecom, entrevistando Valter Hugo Mãe

<http://is.gd/VHMae9>

(<https://www.youtube.com/watch?v=ZVHSfZpeB7M>)

O filho de mil homens

Valter Hugo Mãe fala sobre o livro *O filho de mil homens*, no lançamento em São Paulo, em maio de 2012

<http://is.gd/VHMae10>

(<https://www.youtube.com/watch?v=1aIYO5CtF5k>)

Valter Hugo Mãe, o fofinho da literatura

Perfil feito por Sérgio Rodrigues para a revista *Veja*, publicada em julho de 2011

<http://is.gd/VHMae11>

(<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/valter-hugo-mae-o-fofo-da-literatura/>)

A carta de Valter Hugo Mãe

Texto lido pelo escritor no final de sua palestra na Festa Literária Internacional de Paraty em julho de 2011

<http://is.gd/VHMae12>

(<http://blogs.estadao.com.br/flip/2011/07/08/a-carta-de-valter-hugo-mae/>)

Metrópolis

Entrevista de Valter Hugo Mãe ao programa *Metrópolis* da TV Cultura, em julho de 2011

<http://is.gd/VHMa13>

(<http://tvuol.uol.com.br/video/metropolis--entrevista-com-o-escritor-valter-hugo-mae-04020E9A3464C8C11326>)

O nome de ninguém

Vídeo da música *O nome de ninguém*, do grupo Governo

<http://is.gd/VHMa14>

(<https://www.youtube.com/watch?v=zRkivUzA0II>)

A DESUMANIZAÇÃO

VALTER HUGO MÃE
COSAC NAIFY, 2014

Trecho de A desumanização, de Valter Hugo Mãe, lançado em 2014 pela Cosac Naify. O livro se passa na paisagem inóspita dos fiordes islandeses. Narrado por uma menina de 11 anos que conta, de maneira muito especial, o que lhe resta depois da morte da irmã gêmea, o texto é feito de delicada melancolia e de beleza plástica.



PRIMEIRA PARTE

Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na deitado à boca de deus. Quando começou a chover, as nossas pessoas arredadas para cada lado, ainda vi como ficou ali sozinho. Pensei que ele escavaria tudo de novo com as próprias mãos e andaria montanha acima até ao fosso medonho, carregando o corpo desligado da minha irmã.

Éramos gémeas. Crianças espelho. Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte.

Ao deitar-me, naquela noite, lentamente senti o formigueiro da terra na pele e o molhado alagando tudo. Comecei a ouvir o ruído em surdina dos passos das ovelhas. Assim o expliquei, assustada. Disseram-me que talvez a criança morta tivesse prosseguido no meu corpo. Prosseguia viva por qualquer forma. E eu acreditei candidamente que, de verdade, a plantaram para que germinasse de novo. Poderia ser que brotasse dali uma rara árvore para o nosso canto abandonado nos fiordes.

Poderia ser que desse flor. Que desse fruto. A minha mãe, combalida e sempre enferma, tocou-me na mão e disse: tens duas almas para salvar ao céu. Assustei-me tanto quanto lhe tive ternura. A minha mãe não me perdoaria qualquer falha.

Achei que a minha irmã podia brotar numa árvore de músculos, com ramos de ossos a deitar flores de unhas. Milhares de unhas que talvez seguissem o pouco sol. Talvez crescessem como garras afiadas. Achei que a morte seria igual à imaginação, entre o encantado e o terrível, cheia de brilhos e susto, feita de ser ao acaso. Pensei que a morte era feita ao acaso.

Deitava-me na cama, imaginava a terra no corpo, a água, os passos das ovelhas, nenhuma luz. Muito frio. Estava muito frio. Não me podia mexer. Os mortos não se encolhiam, não se aconchegavam melhor, ficavam tal como os tivessem deixado. E eu sabia que devia ter acauzelado isso. Devia ter visto se levava um agasalho, se estava puxado até ao pescoço, se lhe puseram almofadas ou haveria aquilo de ser apenas um tecido nas tábuas duras. Depois, ganhava certeza de que a minha irmã fora deitada à terra como um resto qualquer.

As pessoas já chamavam àquele bocado de chão a criança plantada. Diziam assim. A criança plantada. Também parecia uma chacota porque o tempo passava e não germinava nada, não germinava ninguém. Era um plantio ridículo. Uma coisa para consolar a cabeça aflita da família. Não servia para tarefa alguma. E perguntavam-me: é verdade que os gémeos ficam de duas almas. Como se eu estivesse a sentir-me gorda ou pesada, como se tivesse mudança no corpo ou na luz dos olhos que evidenciasse a obrigação de fazer a minha irmã viver. Estás de fantasma dentro, afirmava o Einar.

Eu era sempre magra. Apenas um esboço de gente. Quase não existia. Não me via gorda de aquisição nenhuma e mal encontrava lugar para a alma que até então me competia. A minha irmã gostava de doces e eu odiava. Talvez as pessoas se esforçassem por me convencer a comer doces para consolar a alma dela. Talvez pudesse passar a gostar de snurdurs, se a Sigridur estivesse verdadeiramente posta dentro de mim. Quando experimentei, igualmente odiei, e a ausência da minha irmã apenas aumentava. Eu dizia que o açúcar me vinha como sangue à língua.

Só por antecipação eu poderia sentir a terra e a água. Durante um tempo, percebi, a caixa em que a trancaram

ia protegê-la, limpa, antes que se misturasse tudo, po-dre, a desaparecer. Ainda assim, deitava-me com a morte. Chegava a colocar as mãos ao peito como fizeram com a Sigridur, muito hirta, quieta, e imaginava coisas ao invés de adormecer. Imaginar era como morrer.

Ao fim de umas noites, senti um bicho a picar-me. Um bicho dentado que claramente devorava um lugar no meu corpo. Apavorada, levantei-me. Estava o lume brando, a casa esfriando. Não lhe mexi. Olhei apenas como quem esperava nascer o sol de uma chama qualquer. Podia ser que se fizesse o dia a partir de uma fogueira pequena que fosse mais amiga do sol ou soubesse subitamente voar.

Pensei que queria ver uma pequena fogueira a voar.

Quando o meu pai se levantou, foi o que lhe confessei. Eu sabia que os bichos haveriam de devorar o corpo da Sigridur. Se ela tivesse de ser uma semente, se esperasse germinar, não o conseguiria enquanto os bichos lhe devorassem os aumentos. Ou poderia acontecer-lhe igual àquelas árvores pequenas do Japão. Árvores que queriam crescer mas que alguém mutilava para ficarem raquíticas, apenas graciosas, humilhadas na sua grandeza perdida.

O meu pai, que era um nervoso sonhador, abraçou-me brevemente e sorriu. Um sorriso silencioso, o modo de revelar ser tão imprestável quanto eu para o exagero da morte. Comecei a sentir-me violentamente só.

Os bichos, apressados e cheios de estratégias, mastigavam a Sigridur para que se mantivesse uma semente fechada, impedindo que crescesse até ver-se acima da terra, a chegar aos nossos olhos, fazendo algum sopro no vento, espiando ela própria o mar. Devoravam-na para que a pele se mantivesse infértil, apenas secando de podre como o tubarão no barracão grande.

A criança plantada não podia voltar, pensava eu em terror. A terra estava infestada de seres matadores, invejosos, gulosos da felicidade dos outros. Comem-lhe a felicidade.

Pensei que a minha irmã apenas morria mais e mais a cada instante. Era uma criança bonsai. Explicou-me o meu pai. Aquelas árvores, disse eu. Bonsais, respondeu ele. Fazem jardins raquíticos. Como se os japoneses preferissem que as coisas do mundo fossem diminutas. Coisas anãs. Ou, então, era para terem os homens a propriedade dos pássaros. Concordei. Haveriam de circular entre as árvores pequenas com a impressão dos pássaros a voar.

Gostava que pudesse aparar o meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora a minha irmã. O único modo de continuarmos gémeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peça-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. Vou passar a andar encolhida, dormir apertada, comer menos. Vou sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos. Querer o mesmo a vida inteira ou querer menos. Querer o que queria ela. Se os bichos na terra não a deixam ser maior, se é verdade que a levam por inteiro, que fique ao menos eu, pelas duas, a ser igual, para não morrermos. No mínimo, devíamos ter enterrado muitas flores com ela. Que florissem. Porque não pode ver senão bichos e terra suja. Não colhemos flores, fomos muito egoístas. Havia tantas na charneca. Algumas cheiravam bem.

Nos meus sonhos imaginava jardins de crianças. As árvores baixas dos corpos, falando, brincando com os braços e os pássaros pousando entre as folhas. Os braços deitavam folhas e seguravam ninhos nas mãos e as crianças eram sempre pequenas, animadas de ingenuidade, gratas pela vida sem saberem outra coisa que não a vida. E sonhava

que as pessoas japonesas vinham ao jardim contemplar, e deitavam água de regadores coloridos que lavavam os pés-raízes das crianças bonsai. E só de noite, quando bem escuro, alguém vinha com as facas para laminar as partes dos corpos que se alongavam. Laminavam cuidadosamente, todas as noites, para que não deformassem as crianças, para que avelhassem sem se notar. Incapazes de mostrar a idade. Apenas livres para usarem a idade na manutenção eufórica da infância. Sofreriam os cortes caladas. Consistentes da maravilha que aquela dor lhes trazia.

A ver a imensidão dos fiordes, as montanhas de pedra cortadas por rigor, o movimento nenhum, achei que o mundo mostrava a beleza mas só sabia produzir o horror. As nossas pessoas sobravam ali em duas dezenas de casas habitadas, contando com a igreja e o minúsculo quarto de dormir do insuportável Einar. Não havia mais miúdos. Era tudo velho. A gente, os sonhos, os medos e as montanhas.

Podia ser que eu estivesse ainda mais magra por ter ficado vazia dos poucos gramas que pesava a alma. A minha mãe chamava-me estúpida. Perguntei-lhe que sentido encontrava na vida. O que andaríamos ali a tentar descobrir. Mas ela nunca o saberia. Surpreendeu-se com a profundidade da questão. Foi um modo instintivo que

tive de a magoar, para que não me ofendesse com a sua contínua e impensada rejeição. Magoávamo-nos, acreditava eu, sempre por causa da ternura. Como que a reclamá-la enquanto a perdíamos de vez.

Mais tarde, ouvia-a alertar o meu pai. Em alguns casos de morte entre gémeos o sobrevivente vai morrendo num certo suicídio. Desiste de cada gesto. Quer morrer. Dizia ela.

Quando percebi que estávamos sozinhos, descansei o meu pai. Não queria morrer. Estava entre matar e morrer, mas não queria uma coisa nem outra. Queria ficar quieta.

Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco.

Começaram a dizer as irmãs mortas. A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma. O Einar tinha razão. As nossas pessoas olhavam-me sem saber se viraria santa ou demónio. Os santos aparecem, os demónios assombram.

► ANOTAÇÕES

► ANOTAÇÕES

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO